

Religião: um recurso em meio à pandemia

Religion: A resource in the middle of the pandemic

Matheus Linnekan de Sousa Nascimento¹

Resumo: O presente artigo aborda o assunto da religião como um recurso popular utilizado para criar esperança no contexto de diversas crises. Analisa-se, sucintamente, o conteúdo expresso pela religiosidade, onde o termo restringe-se ao exercício de formas institucionais de consolo que se desenvolvem a partir das emoções e dos problemas cotidianos. Depois, o termo é problematizado a partir das concepções críticas de Freud e Marx, que identificam na religião o caráter dependente da necessidade humana e uma suposta resposta classificada como ilusão. Por fim, propõe-se que a religião seja uma das maiores responsáveis por promover a resiliência humana durante esse período pandêmico do Covid-19, onde o isolamento e as incertezas futuras corroem internamente a população. Com isso, a espiritualidade e a fé na transcendência corroboram para um estado individual do ser, de superação.

Palavras-chave: Pandemia; Covid-19; Religião; Fé; Espiritualidade.

Abstract: This article approaches the subject of religion as a popular resource used to create hope in the context of various crises. The content expressed by religiosity is briefly analyzed, where the term is restricted to the exercise of institutional forms of comfort that develop from emotions and everyday problems. Then, the term is problematized based on the critical conceptions of Freud and Marx, who identify in religion the dependent character of human need and a supposed response classified as illusion. Finally, it is proposed that religion is one of the most responsible for promoting human resilience during this Covid-19 pandemic period, where isolation and future uncertainties internally erode the population. Thus, spirituality and faith in transcendence corroborate an individual state of being, of overcoming.

Keywords: Pandemic; Covid-19; Religion; Faith; Spirituality.

¹ Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Pós-graduado em Filosofia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória (FUV),  0000-0002-8829-7886, linnekan@hotmail.com.

Introdução

Nos últimos anos, observou-se um aumento gradativo de estudos e pesquisas que buscam entender o papel da religião em tempos difíceis, em que o indivíduo passa por algum problema pessoal, tal como problemas de saúde, problemas familiares, no ambiente do trabalho, entre outros. A religião, nesse sentido, vem sendo considerada uma estratégia de enfrentamento desses fenômenos. Diante do exposto, o presente trabalho visa analisar a religião como uma importante ferramenta responsável por promover a resiliência humana durante esse período pandêmico do Covid-19. O tema do presente estudo justifica-se em razão de sua atualidade, tendo em vista que está inserido no contexto vivenciado pela sociedade mundial.

A metodologia proposta para o artigo é uma revisão bibliográfica produzida a partir da análise de livros e artigos que abordam a temática religião e pandemia, mais alguns textos de Cláudio Ribeiro e André Abijaudi, Ivone Gebara, John M. Barry, Valdir Stephanini e Julio Cezar Brotto. O presente artigo subdivide-se numa breve análise do conteúdo expresso pela religiosidade em geral, apresentando como são interpretadas as noções de fé, esperança e espiritualidade em meio a pandemia do Covid-19.

Aborda-se o sentido da religião subsistindo através da necessidade ilusória humana, como dizem Freud e Marx, e as implicações emocionais que a religião oferece como proposta de superação do estado atual através da transcendência, aproveitando-se da carência de consolo e causando alienação.

Por fim, propõe-se a religião como um dos fatores que colaboram para a criação de sentido na vida de algumas pessoas e, sendo ela a principal promotora da esperança, não permite às pessoas sucumbirem mediante ao caos e ao terror causado pela pandemia. Esses caminhos resultam da interpretação do autor através dos artigos compilados, sobretudo, possui o caráter crítico de pesquisa diante da realidade pandêmica e a possível resposta encontrada na religião/espiritualidade.

1 Religião: definições e conceitos

Alguns autores abordam o termo religião na tentativa de definir sucintamente um elemento complexo e de expressões diversificadas. Na medida que se popularizou a religiosidade e os estudos sobre as religiões, a pluralização de significados aumentou na mesma proporção. Para as definições do entendimento que se tem sobre o termo, a tese que mais ganhou prestígio etimológico, é de que a palavra se origina do latim religare, significando religação. Principalmente pelo seu uso ter sido estimulado por autores cristãos como Lactâncio (240-320) e Agostinho (354-430), atribuindo sentido à religião como sendo o ato da religação entre Deus e os homens (PIEPER, 2019, p. 09).

Para Paul Tillich (1992, p. 87), a religião é:

Direcionamento para o Incondicional, e cultura é direcionamento para as formas condicionadas e sua unidade. Aí estão as definições mais gerais e formais a que se chegou na filosofia da religião e na filosofia da cultura. Mas estas definições são inadequadas. Forma e conteúdo pertencem um ao outro; não faz sentido colocar um sem o outro. Todo ato cultural contém o sentido incondicional; ele está baseado no fundamento do sentido; à medida que ele é um ato de sentido, ele é substancialmente religioso (TILLICH, 1992, p. 87).

Para Ivone Gebara (2020), que trabalha o conceito em pluralidade e com pontuação crítica, a definição de religiões se resume em “formas institucionais de consolo e intentos de ‘proteção metafísica’ que se desenvolvem no interior de nossas culturas misturadas a emoções e problemas cotidianos”. Ainda em caráter crítico, Cláudio Ribeiro e André Abijaudi (2020, p. 102), aplicam ao termo religião a compreensão freudiana de ilusão, embora enfatizem que “a concepção da religião como ilusão não pode ser confundida com o entendimento de que ela seria essencialmente um erro, pois erro e ilusão não são a mesma coisa”.

Para entender a classificação da religião como ilusão, se faz necessário compreender o que Freud consentia por religião e ilusão, e como ele assimilava esses dois fenômenos. Em seu livro *O futuro de uma ilusão*, Freud (2014, p. 268) retrata que uma crença pode ser chamada de ilusão quando em sua motivação prevalece a realização de desejo, e nisso

não consideramos seus laços com a realidade, assim como a própria ilusão dispensa a comprovação. Isso resultaria em uma aplicabilidade da religião de maneira equivocada, pois o conceito de ilusão colocado em prática como religião produz na sociedade alienação, como veremos em Karl Marx.

Seguindo o raciocínio, Marx (2010, p. 145) chega a defender a proposta de abolição da religião para que a humanidade encontrasse a felicidade, e continua dizendo:

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. [...] A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidas. Ela é o ópio do povo (MARX, 2010, p. 145-146).

Na mesma linha, Freud e Marx concordam quanto a natureza dependente da religião ligada à necessidade humana da realização de seus desejos. Na medida em que Freud (2014, p. 268) afirma que a religião existe por causa da motivação dos desejos humanos, Marx (2010, p. 146) também reconhece que a religião possui um caráter de felicidade (ilusória), mas porque, o povo tem uma exigência de felicidade na vida real. Então ele propõe que abandonem as ilusões acerca de uma condição e que abandonem uma condição que necessita de ilusões.

Concluindo as definições mais populares acerca da temática, abordou-se diferentes opiniões etimológicas e idealistas sobre o termo proposto. É de se ressaltar o valor cultural em que tem a religião como fenômeno elementar na construção de sentido para a sociedade. Com isso, Frederico Pieper (2019, p. 33) diz que a “religião não é algo natural, mas aparece numa configuração histórica bem precisa, visando atender certas demandas”. Categorizando assim, a presença inevitável e indispensável da religião no mundo.

É importante, nesse contexto, diferenciar os termos religião, religiosidade e espiritualidade, tendo em vista que muitas vezes são empregados como sinônimos, entretanto, possuem significados distintos. Inicialmente, merece mencionar que o ser

humano se caracteriza como tal, diferenciando-se qualitativamente dos demais animais, em razão de sua inserção na linguagem, a qual é constituída por palavras que nomeiam objetos, pessoas, ideias, vivências, escolhas, experiências etc. Assim, ao nomear suas vivências, o sujeito se constrói, edificando sua existência a partir de uma narrativa que relata qual os significados e sentidos atribuídos às suas experiências enquanto ser humano. Ao se reconhecerem inseridos no mundo da linguagem, os indivíduos se encontram com discursos e narrativas de outras pessoas, instituições, organizações e grupos. Nesse encontro, os sujeitos têm a possibilidade de identificação com discursos plurais e compartilhados, os quais podem dialogar de maneira harmônica com a sua singularidade, atribuindo significados às suas vivências, conferindo sentido para as suas vidas e, possivelmente, aliviando e confortando-os em situações de sofrimento (DOMINGUES et al., 2020, p. 557).

Nesse sentido, tanto a religião como a religiosidade e a espiritualidade possuem relevância nesse cenário, tendo em vista que são arcabouços de significações que atribuem sentido à existência, e, conseqüentemente, às vivências de sofrimento, caracterizando-as como ligadas irremediavelmente à condição humana, constituindo assim a subjetividade do homem (DALGALARRONDO, 2008).

Entretanto, ser espiritual não significa a adesão a uma religião específica. O ser humano pode ter sua espiritualidade sem, contudo, ser religioso ou estar aderido a uma religião. A dimensão espiritual vai além da religiosidade. A palavra espírito não compreende necessariamente o reconhecimento da existência de um Deus ou a adesão a uma religião específica, mas a presença da autoconsciência no indivíduo, ou seja, a capacidade de reflexão e transcendência inerentes a todo ser humano. Desta feita, a espiritualidade compreende a busca de si mesmo, da sua realidade existencial mais profunda, utilizando-se de técnicas variadas que não são obrigatoriamente de origem religiosa (BARTH, 2014, p. 108).

Entende-se, nesse cenário, que a espiritualidade “consiste em uma relação pessoal com o objeto transcendente (Deus ou Poder Superior), o metafísico, em que a pessoa busca significados e propósitos fundamentais da vida e que pode ou não envolver a religião” (ZERBETTO, 2017, p. 3). De acordo com Barth (2014, p. 100), a espiritualidade está presente em decorrência das incessantes buscas por respostas a respeito de questões e problemas

resultantes deste desejo de autonomia plena do ser humano e para completar o que se denominou de “vazio interior”. A espiritualidade, nada obstante seja diferente do conceito de religião, pode se manifestar por meio dela.

Por sua vez, a religiosidade pode ser considerada a “expressão ou prática do crente que pode estar relacionada com uma instituição religiosa. Esta possibilita ao sujeito experiências místicas, mágicas e esotéricas” (GOMES; FARINA; FORNO, 2014, p. 110). Para Dalgalarrondo (2008), o termo religiosidade é mais amplo do que o termo religião, e diz respeito a um compromisso com a doutrina religiosa, o qual envolve práticas institucionais – como oração, leitura do livro sagrado, danças, cantos etc.-, frequência e participação nos rituais da religião e um engajamento com o sistema de dogmas das organizações religiosas que o sujeito possa vir a frequentar.

Pelo exposto, nota-se que, embora os termos religião, religiosidade e espiritualidade possam estar umbilicalmente ligados, e até mesmo presentes em um mesmo contexto, eles não se confundem, tendo em vista que possuem conceituações e características próprias e singulares.

2 Pandemia: caos e desespero

Um cenário assustador se estabeleceu no mundo através da pandemia do Covid-19. Como resultado da pandemia, respirou-se ares de morte, dores de luto, consequências de irresponsabilidades e incertezas sobre o futuro. O medo, a angústia e a dor da perda, afetaram expressivamente as estruturas da sociedade em todos os níveis: econômicos, sociais, políticos etc.

Desde que foi declarada a pandemia do Coronavírus pela Organização Mundial de Saúde (OMS), no ano de 2020, a pandemia da COVID-19 tem levado o mundo a uma crise sanitária e humanitária, acarretando alterações em todos os âmbitos da vida dos seres humanos. Diante disso, no dia 11 de março, a OMS define o surto como pandemia, após o número de novos casos diários, fora da China, terem aumentado 13 vezes. Seis dias depois, dia 17 de março, a primeira morte por Covid-19 foi registrada no Brasil (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

Com a grande calamidade ocasionada pela pandemia, medidas drásticas foram

tomadas na tentativa de amenizar os efeitos causados pelo ataque do SARS-CoV-2, popularmente conhecido como COVID 19. Isolamento social em formatos de quarentena, fechamentos de escolas, bares, cinemas, eventos esportivos e até cultos religiosos foram impedidos de serem realizados para arrefecer as fatalidades acarretadas pelo vírus.

A pandemia do Covid-19 não é a primeira vivenciada pela humanidade e certamente não será a última. Ao longo da história, há relatos de pelo menos outras duas grandes pandemias, a saber, a Peste Bubônica ou Peste Negra e a Gripe Espanhola, que podem ensinar muito sobre como reagir diante do caos e do desespero em períodos pandêmicos. No período do séc. XIV até o séc. XVIII, a peste negra assolou o mundo daquele tempo, aterrorizando todo o povo e ceifando a vida de terça parte da população. O cenário social era de extremo terror, os doentes infectados não eram tratados porque as pessoas tinham medo de se contaminarem, muitas vezes eram abandonados e acabavam morrendo sozinhos (STEPHANINI; BROTTTO, 2021, p. 63).

Os cadáveres eram simplesmente recolhidos de manhã em carretas que circulavam pelas ruas das cidades a fim de levar os doentes que haviam falecido durante a noite, para serem sepultados em cemitérios, em vala comum [...] empilhando-se um defunto por cima do outro sem sequer lhes envolver os corpos em uma mortalha. [...] Os coveiros tornaram-se insuficientes para dar conta de tanto trabalho, sem dizer que eles também iam morrendo, como o restante da população (MARTINO, 2017, p. 48).

Já no século XX, uma nova pandemia volta a ameaçar a humanidade. Às sombras da primeira grande guerra mundial, a gripe espanhola se espalhou com rapidez pela Europa até alcançar o restante do mundo. Os contaminados perdiam sua vida subitamente, o poder letal da gripe espanhola causou uma estimativa baixa de 21 milhões a 100 milhões de mortos (BARRY, 2020, p. 12). Uma pandemia que durou em média de 2 anos, “matou mais pessoas em um ano do que a peste bubônica da Idade Média em um século; matou mais pessoas em 24 semanas do que a AIDS em 24 anos” (BARRY, 2020, p. 13).

Como nos relatos da peste negra, o cenário da gripe espanhola era de extremo caos e terror. Devido ao intenso número de pessoas vítimas da pandemia, Barry registra como era o procedimento com o acúmulo de corpos conduzidos ao sepultamento:

Os corpos foram postos em funerárias, ocupando cada área dessas instalações e se acumulando em alojamentos; em necrotérios de hospitais, já invadindo os corredores; nos necrotérios da cidade, já invadindo as ruas. E havia corpos nas casas também. Estavam na varanda, no armário, nos cantos do chão, nas camas. As crianças fugiam da vista dos adultos para observá-los, tocá-los.; as mulheres se deitavam ao lado do marido morto, sem querer mexer no corpo ou deixá-lo (BARRY, 2020, p. 372).

Diante desses relatos históricos, percebe-se as similaridades com o atual cenário pandêmico do Covid-19. Hospitais superlotados, UTIs sem capacidade de suportar, falta de respiradores para socorrer, número do índice de mortos nas alturas. Tudo isso faz com que o pânico assale as pessoas acarretando o aparecimento de doenças psicossomáticas, aumento ainda mais o número de vítimas e necessitados. O efeito psicológico nas pandemias é tão letal quanto a mortalidade do vírus, tanto que, se não houver um combate às inverdades que sobrecarregam a população, temos o risco de acontecer como em 1918 onde “o medo, não a doença, ameaçou a ruptura da sociedade” (BARRY, 2020, p. 514). Falar a verdade, não é desprezo ao sentimento do povo, pelo contrário, “o medo continua, mas o pico de pânico criado pelo desconhecido é dissipado. O poder da imaginação cessa” (BARRY, 2020, p. 514).

Além disso, a disseminação do vírus apresenta índices elevados. Essa disseminação ocorre de pessoa a pessoa, principalmente por gotículas respiratórias. Nesse sentido, para além das condições patológicas específicas causadas pelo vírus, é imprescindível levar em consideração, dentro desse contexto complexo e novo, as condições de saúde mental da população, em decorrência dos múltiplos reflexos que essa pandemia tem causado, uma vez que estudos recentes apontaram mudanças significativas no quadro de saúde mental da população em âmbito mundial (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020, p. 2).

No âmbito do trabalho, por exemplo, os trabalhadores foram duramente afetados: quem está em isolamento, tem contato parcial com colegas de trabalho ou com pessoas com quem frequentemente interagia para realizar suas atividades; quem sai para trabalhar, vive a tensão de não poder se aproximar dos colegas, ao mesmo tempo em que a exposição causada pelo trabalho prejudica também seu contato com familiares, tendo em vista que a exposição ao vírus no trabalho pode colocar em risco a segurança destes,

o que pode acarretar afastamento, assim como, distanciamento do indivíduo com sua família (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO, 2020, p. 8).

O medo e a ansiedade fazem parte do sistema defensivo do ser humano, portanto, quando é vivenciada uma situação potencialmente ameaçadora ou perigos reais, ambos são ativados. Com a pandemia, percebe-se uma situação de pânico generalizado na sociedade, desenvolvendo sentimento de medo nos indivíduos. Esse sentimento é compreendido com uma reação natural em decorrência de uma ameaça real e eminente. Contudo, situações em que o medo se faz presente podem acabar acarretando ansiedade, podendo causar, por vezes, um grande mal-estar aos indivíduos, acentuando ainda mais os desafios postos pela pandemia (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020, p. 5).

3 Espiritualidade como proposta de superação

Considerando as implicações sem dimensões causadas pela pandemia do COVID 19, todas as áreas, sem distinção foram afetadas. A sensação de beco sem saída apavora a população. Alto índice de mortalidade, pouca informação concreta sobre a realidade, isolamento social, aumento da ansiedade, cresce o número de desemprego, arromba-se a economia. Todos os fatores colaboram para um cenário de colapso social mediante ao caos, o que fazer?

Ribeiro e Abijaudi (2020, p. 103) ao analisarem as afirmativas de Freud e Marx, interpretam que na religião:

Há uma dimensão caracterizada pelo anestesiamiento das duras realidades da vida que são enfrentadas principalmente pelas pessoas em maior situação de opressão e miséria. Nesse sentido, podemos também compreender que, em certa medida, o caráter de ilusão presente na religião se faz muitas vezes necessário para o enfrentamento das mazelas da vida.

Seguindo pela linha de raciocínio em que a religião se baseia na necessidade humana, pode-se entender também, que correspondentemente, a raça humana possui as suas necessidades religiosas. Segundo Gebara (2020), a religiosidade entra em cena durante a pandemia quando as pessoas “esperam que a religião entregue a segurança de

que se necessita na certeza de que Deus não abandona seu povo”.

A pandemia potencializou a dor causada pela proximidade da morte e a clareza na consciência da finitude humana. Com isso, se torna ainda mais notória, a falta do preenchimento na existencialidade que cada ser humano comporta dentro de si. Diante disso, “cada pessoa vai encontrar ou não em suas crenças sociais, políticas e religiosas alguma resposta ou falta de resposta às questões que o momento atual tem levantado” (GEBARA, 2020).

Uma possibilidade de resposta, é que a religião como prática da espiritualidade, oferece a esperança como uma válvula de escape para a superação do cenário caótico dessa sociedade. A espiritualidade, para Leonardo Boff (2018, p. 166), é um “horizonte de esperança e de capacidade de auto-transcendência”, é necessária para “o pleno desabrochar de nossa individualização” e é o “espaço da paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais”.

Como praticar a espiritualidade sem o exercício da religiosidade? Como conectar com o transcendente sem o objeto da religião? Santos (2020, p. 29) vai dizer que “a pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum”. Então a pandemia não serviu somente para isolar os religiosos, mas para fazer com que eles elevassem suas espiritualidades individualmente. Outrora causada pela real possibilidade da morte, ou pela compreensão da fraqueza humana diante da impossibilidade de vida eterna, ou pelo hábito que o homem tem de se lembrar de Deus simplesmente nas desgraças, ou recorrerem a qualquer coisa que possam se apegar na tentativa de uma salvação para si. Fazendo isso, praticam, consciente ou inconscientemente, aquilo que na teologia cristã se entende por “sacerdócio universal de todos os santos” (KIMITZ, 2002, p. 49).

O resultado promovido pelo confinamento da pandemia é

a novidade de se rezar fora do templo, da mesquita ou sinagoga; de se celebrar uma páscoa sem missa; realizar um exorcismo em casa; ter ritos funerários diminuídos; não se comemorar o fim do Ramadã; não realizar as costumeiras peregrinações e rituais de purificações em rios; cancelar cerimônias de casamentos e outras situações religiosas inusitadas e inesperadas, mesmo após a diminuição da

disseminação do vírus e com os protocolos de retorno gradual às celebrações ou aos ritos presenciais que acontecem timidamente, impactaram as religiões (PORRECA, 2020, p. 229-241)

Positivamente ou não, a maioria das religiões presentes no mundo procuraram adaptar-se e reinventar-se vertiginosamente frente às mudanças de escala global geradas pelo COVID 19 (PORRECA, 2020, p. 229). Se os frutos não de ser bons ou ruins, concluir-se-á futuramente em um período pós-pandêmico, mas no presente momento, parafraseando Stephanini e Brotto (2021, p. 71), é perfeitamente possível as religiões existirem e cumprirem sua missão, mesmo sem as tradicionais reuniões sagradas, aos dias sagrados, dirigidas por um líder sagrado e restritas a um templo sagrado. A religião transcendeu o natural e promoveu aprimoramento de convivência, empatia pela vida do semelhante e solidariedade para com a dor do próximo.

Considerações finais

A despeito das diferentes narrativas sobre o conceito de religião e espiritualidade, podemos ter diversas respostas sobre a influência e a importância desse fenômeno em meio ao problema do caos social. Por isso, ao abordar a seriedade das pandemias e os resultados catastróficos produzidos por ela, não só fisicamente, mas também, psicologicamente, propõe-se um objeto, cuja finalidade seja o aprimoramento do ser humano para a superação da sua realidade. Com isso, a religião/espiritualidade surge como possibilidade de resposta trazendo o que é transcendente para confortar a realidade de finitude e a necessidade humana de se agarrar na esperança e não se sucumbir diante do caos e do desespero.

Importante ressaltar que o artigo em questão foi desenvolvido tendo como um cenário um período de intensa crise, em que a pandemia do coronavírus proporcionou significativas modificações em todos os âmbitos da sociedade. Entretanto, nos últimos meses, diversos países vêm flexibilizando as medidas restritivas anteriormente adotadas, tais como a restrição do comércio e o distanciamento social. No Brasil, as medidas mais flexíveis também começaram a ser adotadas, sendo que no mês de março de 2022, inclusive, o uso de máscaras foi liberado em ambientes abertos em alguns estados brasileiros.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO (SBPOT). *Os impactos da pandemia para o trabalhador e suas relações com o trabalho* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2020.
- BARTH, Wilmar Luiz. *A religião cura? Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 108, 2014.
- BARRY, John M. *A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- BOFF, Leonardo. *Reflexões de um velho teólogo e pensador*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DOMINGUES, M E. S. et al. *Religião, religiosidade e espiritualidade e sua relação com a saúde mental em contexto de adoecimento: uma revisão integrativa de 2010 a 2020*. Programa de Apoio à Iniciação Científica, 2020.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- GEBARA, Ivone. *Religião e a pandemia Covid 19*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- GOMES, Nilvete Soares; FARINA, Marianne; FORNO, Cristiano Dal. *Espiritualidade, religiosidade e religião: reflexão de conceitos em artigos psicológicos*. Revista de Psicologia da IMED, v. 6, n. 2, p. 107-112, 2014.
- KIVITZ, Ed René. *Quebrando paradigmas*. 5. ed. São Paulo: Abba Press, 2002.

MARTINO, José. *1348: a peste negra*. Atibaia: Excalibur, 2017.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010.

PIEPER, Frederico. *Religião: limites e horizontes de um conceito*. Estudos de Religião, v. 33, n. 1, p. 5-35, 2019.

PORRECA, Wladimir. *As religiões e a COVID-19: enfrentamentos e adaptações*. In: GUIMARÃES, Ludmila de Vasconcelos M.; CARRETEIRO, Teresa Cristina; NASCIUTTI, Jacyara Rochoael (org.). *Janelas da Pandemia*. Belo Horizonte: Instituto DH, 2020. p. 229-241.

RIBEIRO, C. de O.; ABIJAUDI, A. Y. G. *Espiritualidade em tempos de pandemia*. In: PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (Org.). *Religião em tempos de crise*. São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2020. p. 90-107.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SILVA, Hengrid Graciely Nascimento; SANTOS, Luís Eduardo Soares dos; OLIVEIRA, Ana Karla de. *Efeitos da pandemia no novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades*. J. Nurs. Health., v. 10, p. 1-10, 2020.

STEPHANINI, Valdir; BROTTTO, Julio Cezar de Paula. *A quebra de paradigmas religiosos em tempos de pandemia: dos templos para as casas e para as mídias*. PLURA, Revista de Estudos de Religião, v. 12, n. 1, p. 61-79, 2021.

TEIXEIRA, Faustino. *A dimensão espiritual da crise do coronavírus*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597292-a-dimensao-espiritual-da-crise-do-coronavirus>. Acesso em: 20 jul. 2021.

TILLICH, Paul. *A Era Protestante*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.

ZERBETTO, Sonia Regina et al. *Religiosidade e espiritualidade: mecanismos de influência positiva sobre a vida e tratamento do alcoolista*. Escola Anna Nery, v. 21, n. 1, p. 1-8, 2017.